



HISTÓRIA, MEMÓRIA E NARRATIVAS ORAIS: A CONSTRUÇÃO DA SECA DE 1970 NO CARIRI CEARENSE

Bartolomeu Humberto de Sousa
Doutorando-UFRPE
bartolomeuhumberto@yahoo.com.br

RESUMO: A seca, como um fenômeno político, social, climático e econômico tem sido discutida amplamente na historiografia brasileira desde que se tornou *problema* na segunda metade do século XIX quando no ano de 1877 o Nordeste brasileiro e, conseqüentemente, o Brasil, foi afetado pelo flagelo. Os efeitos das estiagens (fome, falta d'água, saques, motins, corrupção, etc.) tornaram-se objeto de inúmeras pesquisas, buscando entender como se *configuram* as relações sociais e econômicas ali envolvidas. Assim, o estudo ora em desenvolvimento objetiva ir *além* de tais configurações, uma vez que pretende *percorrer* os aspectos mnemônicos que envolvem os processos de rememoração da seca a partir de uma perspectiva cultural, em diálogo com os conceitos de *representação*, *sensibilidade* e *memória*, tendo como fonte histórica os registros orais e escritos.

Palavras-chave: Seca; Memória; Representação; Sensibilidade.

*Apela pra março, que é o mês preferido Do
Santo querido, Senhor São José. Mas nada
de chuva! tá tudo sem jeito, Lhe foge do peito
O resto da fé.²⁷*

1. INTRODUÇÃO

Em uma madrugada do dia 19 de março de 1958 o senhor Pedro Tenório²⁸ afirma ter acordado esperançoso. Levanta de sua rede na sala da casa e direciona o seu olhar para “o lugar onde o sol nasce”, na esperança de visualizar nuvens carregadas e relâmpagos ao norte, sinais

²⁷ Patativa do Assaré nasceu no dia 05 de março de 1909, na cidade de Assaré/CE. Foi um poeta e repentista Brasileiro, um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX. O trecho em destaque faz parte de um conjunto de cordéis e poesias lançado em seu primeiro livro do gênero. Entre 1930 e 1955, Patativa permanece na Serra de Santana, quando compõe a maior parte de sua poesia. Nessa época, passa a declamar seus poemas na Rádio Araripe, quando é ouvido pelo filólogo José Arraes, que o ajuda na publicação de seu primeiro livro, “Inspiração Nordestina” (1956). Mesmo com um linguajar rude falado pelo sertanejo, crivado de erros e mutilações, a poesia de Patativa do Assaré teve projeção por todo o Brasil com a gravação de “Triste Partida” (1964), pelo cantor Luiz Gonzaga.

²⁸ Pedro Tenório nasceu no dia 09/11/2022 e faleceu no dia 22/11/2022, com quase 90 anos. Esta entrevista foi gravada no dia 25/12/2012.



estes que eventualmente traziam a chuva que irrigava a terra, tão esperada para aquele ano de plantação.

A terra a ser plantada estava pronta: “arrendada, destocada e queimada.” A semente estava guardada junto com a ansiedade para ser plantada naquele ano. Faltava apenas a chuva que molharia a terra, que traria vida e expectativa. As experiências do mês de setembro, outubro e novembro não foram as melhores para aquele ano que já acumulava as dores de 1957, “um ano de pouca chuva”, dizia Pedro, com pouca colheita e pasto para os animais domésticos. Isso certamente majorava a angústia, pois não havia reservas em sementes para consumo durante aquele ano corrente. As poucas sementes disponíveis, insistia, seriam utilizadas para a plantação.

Agricultor extremamente religioso, membro da Ordem dos Penitentes,²⁹ Pedro acreditava que o dia de São José, o patrono das boas chuvas preconizado pelo imaginário religioso/popular, trouxesse esperança de “um bom inverno para aquele ano.” A chuva, porém, não veio. O dia 19 de março provocou, por assim dizer, o medo da “peste da fome feroz” como nos diz Patativa do Assaré no cordel A triste Partida.

O referido cordel de Patativa retrata o drama sofrido pelos retirantes nordestinos que se mostravam obrigados a migrar de sua terra natal em busca de sobrevivência em outras regiões do país. Retrata, ainda, como os sertanejos lidavam com a seca, do ponto de vista espiritual/religioso, imagético, simbólico. O cotidiano, o medo da morte diante da seca iminente que se desenha e se materializa na passagem dos meses e na busca incessante dos sinais de chuva. A fome, a esperança, a fé e a coragem perpassam o cordel cantado e popularizado em forma de música na voz de Luiz Gonzaga encontra significado nas memórias orais das pessoas que conviveram com o drama da seca.

²⁹ “A tradição das Irmandades dos Penitentes da Cruz de Barbalha começou a ganhar espaço na região do Cariri a partir do ano de 1893. A primeira cidade a dar início a tradição foi Juazeiro do Norte, quando o Falecido penitente Manuel Palmeira fundou a ordem penitente na cidade. Depois de um tempo a tradição chegaria ao Crato e finalmente em Barbalha, tendo forte concentração e presença nas zonas rurais, onde pessoas humildes tinham na religião o único meio de esperança contra as dificuldades econômicas e sociais. Alguns penitentes são analfabetos, mas ainda assim obedecem e decoram os textos e cânticos religiosos para preservar a tradição deixada pelos seus pais. São homens que não devem trocar festas por eventos religiosos, fugir de coisas ilícitas, como jogos de azar e bebedeiras, sempre estando à disposição das necessidades religiosas da comunidade.” Informações obtidas no endereço eletrônico: <https://www.brasildefatoce.com.br/>, acesso em 10/12/2022. Segue link do vídeo com imagens dos remanescentes da ordem na cidade de Farias Brito: <https://www.youtube.com/watch?v=8pBRhhcpN34>.



Tais pessoas rememoram sua trajetória, evocam suas memórias dotadas de subjetividades tendo como ponto de partida um passado que persiste com vigor em suas lembranças sacralizadas no tempo. O cotidiano de outrora, os acontecimentos e fatos ancorados em signos do passado e representados pela memória no presente, que são dados a ler a partir da análise do discurso sobre a seca são mnemonicamente determinados e reconstruídos pelo ato de narrar.

Desta forma, a memória individual de Pedro é tecida tendo o passado como referência simbólica, mas sua construção é arquitetada com base no presente vivenciado a partir dos elementos de ancoragem da própria memória em análise. No presente, Pedro observa o passado, reconstitui suas lembranças em um jogo dialético: para ele o passado o deixou mais forte, embora o tenha provocado cicatrizes profundas em suas lembranças. A falta de comida, a fé por vezes abalada provoca as mais diversas subjetividades. Mas a esperança de dias melhores funciona sempre como um alento enérgico diante do sofrimento. Assim como o eu lírico do cordel de Patativa, as narrativas são reveladoras de conexões do mundo real vivido com o imaginário projetado pelo orador, daquele que se lembra com o objeto rememorado.

Para rememorar seus sofrimentos, angústias e ansiedades, o narrador necessita, conforme afirma Pollak (1989), encontrar uma escuta, alguém que participe do ato de narrar não apenas como espectador, mas como coautor, alguém que se torna coadjuvante e ajuda na consecução da subjetividade na oralidade, os pontos de ancoragem da memória, as representações e o imaginário por trás da narrativa.

Este ensaio se projeta com este objetivo, a saber, entender como se constroem os elementos/pontos de ancoragem existentes na memória de Pedro Tenório, tendo como referência as representações mnemônicas sobre sua vida durante o flagelado das secas de 1958 e 1970 na cidade de Farias Brito/CE.³⁰ Objetiva, ainda, analisar como tais memórias se constituem no presente através dos elementos ancorados na subjetividade da narrativa edificada pelo entrevistado.

³⁰ A cidade de Farias Brito faz parte da Região do Cariri cearense, com uma distância de 40 km da cidade do Crato. Foi em Farias Brito que Pedro Tenório viveu a maior parte de sua vida quando veio a falecer no dia 22/11/2022, com 89 anos.



2. DA ANCORAGEM DA MEMÓRIA ÀS REPRESENTAÇÕES MNEMÔNICAS: A SECA DE 1958 e 1970

2.1: A seca de 1958

No dia 1º de maio de 1958 o Jornal O Semanário editava no Rio de Janeiro seu nº 107, cujo título, em letras garrafas, informava que ‘nunca maior calamidade se abateu sobre o Nordeste. Nesta mesma edição trazia uma carta enviada por um leitor de Fortaleza/CE que ponderava sobre a especificidade desta seca que mantinha todas as condições para se processar como sendo uma das piores estiagens já enfrentadas pelo Ceará. No jornal lemos o seguinte relato:

O povo do Ceará não conhece uma sêca igual a que assola o Estado no momento. Nas outras secas conhecidas depois da colonização, havia “pedaços de inverno” no litoral e nas serras. Este ano a estiagem é total. Em três ou quatro municípios do Cariri [cearense] caíram algumas chuvas, não se sabendo se irão “segurar” a lavoura. Nas outras secas anteriores os agricultores mais abastados, e até mesmo os pequenos agricultores, tinham depósitos de gêneros guardados, que davam para o seu consumo, e vendiam, embora caro, aos seus vizinhos. Este ano todo mundo foi pegado de surpresa. Não há reservas de gêneros de espécie.³¹

O trecho da carta acima publicada no O Semanário encontra consonância na narrativa de Pedro. Nascido no ano de 1932, sua história de vida está intrinsecamente ligada à seca e suas intempéries, uma vez que a agricultura era sua fonte de renda e sobrevivência. Pobre e sem instrução formal, Pedro iniciou a vida agrícola aos 07 anos de idade, tornou-se pai aos 23 anos de idade.

Em sua casa, sentado em uma cadeira de madeira, Pedro Tenório visita sua memória, reconstrói seu sofrimento e entra em contato com a angústia há muito vivenciada e esquecida pelo tempo decorrido de sua vida. Esta subjetividade narrativa, como afirma Portelli, só pode ser observada com o recurso da história oral, o que não ocorre quando o historiador investiga outras fontes históricas para sua pesquisa (PORTELLI, 1981, p.26). A subjetividade está ali, materializada na forma de emoção, nas idas e vindas das palavras, no cortar da voz angustiada, nas lágrimas que correm do seu olho quando rememora o sofrimento.

³¹ O Semanário foi um jornal brasileiro fundado por Oswaldo Costa e Joel Silveira no Rio de Janeiro, em 1956. Com tiragem de 60 mil exemplares, circulava em todo o território nacional, tendo redações no Rio de Janeiro e em São Paulo.



A história oral, aqui entendida como metodologia e fonte de pesquisa, insere o ato de rememorar o passado no presente como uma representação do real, do acontecido, por parte de quem constrói a própria narrativa. As representações, conforme Pesavento (2004) são construídas sobre o mundo e se colocam no lugar deste mundo, buscando explicar o real presente nas mais variadas manifestações culturais, trazendo sentido e coesão social.

A narrativa, ou melhor, a oralidade presente na narrativa, é uma forma de representar o mundo. A memória surge, pois, como uma representação daquilo que aconteceu, no campo das ideias e/ou dos discursos. Da mesma forma que um objeto arqueológico pode representar uma sociedade e sua cultura, a narrativa oral representa, então, acontecimentos do passado reconstruídos no presente. Pesavento considera ainda que:

Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, o da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença[...]. a representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção a partir dele (PESAVENTO, 2004, p.7).

A seca de 1958 é representada na narrativa de Pedro tendo por base uma variedade de elemento de ancoragem da memória. Os elementos de ancoragem funcionam como pontos de partida, lugares ou espaços que possuem uma carga simbólica específica e que evocam as mais diversas memórias como sendo uma espécie de catalisador mental, estimulando as lembranças que de alguma forma tornaram-se significativas de alguma na memória individual de uma pessoa. Pesavento novamente considera que os pontos de ancoragem da memória são:

Lugares em que nos reconhecemos, em que vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais, territórios muitas vezes percorridos e familiares ou, pelo contrário, espaços existentes em um outro tempo e que só tem sentido em nosso espírito porque narrados pelos mais antigos, que os percorreram no passado (PESAVENTO 2007, p. 03).

Os elementos de ancoragem preconizados por Pesavento em relação à memória nos coloca diretamente no campo das subjetividades presentes na representação mnemônica do entrevistado, fazendo com que o mesmo consiga identificar em sua narrativa elementos-chave que podem evocar lembranças sacralizadas durante a seca de 1958 e que por isso demonstra



significativa ancoragem na narrativa, como imagens portadores de cargas simbólicas. Da mesma forma que uma praça ou uma música podem funcionar como elemento de ancoragem e se traduzir como ponto de partida de muitas representações, uma ideia e até mesmo um fato histórico podem ser promotores de significados e lembranças diversificadas.

Pedro Tenório mantém estes pontos de ancoragem em dois sentidos possíveis: a seca e as obras durante as secas. Embora a seca de 1958 tenha sido uma das piores estiagens do século XX, seus efeitos foram, conforme nossas fontes, amenizados pelas políticas públicas assistencialistas do Estado. O governo Juscelino Kubitschek e sua política de aceleração do crescimento pautadas pelo ambicioso Plano de Metas, no qual promoveu a abertura do Brasil ao capital externo com empréstimos e investimentos estrangeiros fez com que o país entrasse em uma marcha acelerada de progresso. Conforme Brum:

No período de 1955 a 1961 entraram no Brasil US\$ 2,18 bilhões, sendo que mais de 95% desses recursos foram aplicados nas áreas prioritárias do governo. Por outro lado, mais de 80% do capital estrangeiro, no referido período, entrou sob a forma de empréstimos e financiamentos (BRUM, 2013, p.217).

Conforme vimos, a seca que grassava o Nordeste em 1958 ocupava cada vez mais as páginas dos jornais, denunciando a passividade do Estado diante do flagelo que percorria a região. Políticos, empresários, associações, etc., buscavam a todo custo conseguir atenção dos governos constituídos objetivando providências imediatas. Virgílio Távora, deputado federal e representante da oposição ao governo JK na Câmara, discursava no plenário da Casa apelando ao presidente da República pela tão esperada ajuda no combate à seca. No discurso do dia 24 de abril de 1958, em discurso publicado no jornal, destaca o deputado:

Sr. Presidente, o nordeste brasileiro está vivendo momentos dramáticos de angústia, de sofrimento. A sua pecuária, a sua agricultura, a sua indústria de transformação, baseadas em produtos que dependem da chuva, todo este produto está em derrocada, em ruína. Particularizando o caso do Ceará, sr. Presidente, posso assegurar que o panorama de minha terra se reveste de cores as mais negras[...]. Dentro deste quadro lamentável, imensas massas humanas, erradias e famintas, desfilam pelas estradas em várias cidades em uma tentativa desesperada de encontrar meio capaz de minorar seus sofrimentos[...]. Reconheço que o governo da União, finalmente, liberou verbas e proporcionou auxílios à região nordestina, mas esta ajuda não está sendo proporcional



à grandeza da tragédia, cuja dimensão os homens do sul desconhecem. Este é o principal motivo da oração que ora faço.³²

As constantes petições e discursos políticos nas tribunas estaduais e federais, parecem ter surtido efeito e as publicações seguintes dos jornais já apresentavam perspectivas de atenção por parte do governo federal. Na primeira semana de maio de 1958 o mesmo jornal O Semanário publicava estimativas de contratação nas obras contra as secas no Ceará. Ainda em carta de um leitor de Fortaleza enviada a redação do jornal no Rio de Janeiro, encontramos a seguinte redação:

Nas secas anteriores, o maior número de alistados nas obras de emergência foram de 40 000 homens. Este ano, espera-se que só no Ceará, serão alistados mais de 40 000 homens. As repartições encarregadas - DNER, DNOCS e DAER - anunciam que já alistaram mais de 100 000 homens só no Ceará, para trabalharem nas obras de emergência.³³

Os números apresentados pelos órgãos públicos e publicados no Semanário causam perplexidade pelo aumento considerável dos alistados nos programas emergenciais, uma vez que refletem a situação dramática na qual vivia o Ceará naquele momento. De todo modo, Pedro Tenório e sua esposa, popularmente conhecida como dona Dudu, trabalharam nas obras de emergência no Ceará durante a seca de 1958. Desta forma, a própria data específica sublinhada na frase “seca de 58” se transforma em um elemento de ancoragem na qual evoca e constitui representações plurais de um contexto cristalizado na lembrança do casal flagelado.

Se um sujeito, como afirma Pesavento (2007), ao passar por uma praça pública tem este objeto/monumento como referência e centralidade em sua recordação, evocando lembranças de outrora, momentos da infância ou adolescência, um fato histórico vivenciado, etc., uma pessoa pode, por assim dizer, irrigar sua memória com lembranças outras ao pensar apenas em um contexto (no caso um momento específico durante a seca) específico do qual vivenciou? A seca, a fome e o drama das intempéries podem ser constituídos e ser ancorados em objetos como obras públicas, lugares visitados ou até o sótão de uma casa onde se guardava os alimentos.

³² O Semanário: 24/04/1958.

³³ O Semanário: 07/05/1958.



Mas também acreditamos que elementos específicos da memória, uma lembrança ou um signo mnemônico qualquer podem servir como ancoragem e transportar consigo outras lembranças que eventualmente tenham sido guardadas pelo tempo na mentalidade de alguém que vivenciou tal contexto. Dito de outra forma, imaginemos alguém com 70 anos e que perdeu ou não teve mais contato com uma foto antiga da adolescência. Apenas 35 anos separam este homem em nosso exemplo das memórias que por sinal estão adormecidas nas memórias que há muito não rememora tais acontecimentos desta época com seus filhos e netos. Ao encontrar tal foto perdida, o sujeito imediatamente é levado ao mundo adormecido, dotado de significado e com uma carga simbólica considerável. A imagem, com o rosto da adolescência, as vestimentas, os amigos próximos, etc., são reveladores pontos de ancoragem para reconstruir memórias.

A seletividade da memória pode ser, então, demarcada pela apropriação de lugares, objetos ou (por que não?) Elementos chave presentes na própria memória, que vêm à tona, que aparecem com mais intensidade ou clareza à medida que o indivíduo tem este objeto como referência para aspectos que aconteceram no passado. Conforme Michel Pollak:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela (1992, p.3).

Pedro e sua esposa carregam consigo um nevoeiro de alegrias e dores quando a palavra seca é pronunciada. A palavra aparece plural em sua simbologia, e muda de forma no momento em que a narrativa inicia. Pedro sempre foi um jovem trabalhador da agricultura. A própria data do seu aniversário carrega uma imagem, afinal, Pedro nasceu durante a seca de 1932 e sempre ouvia história das secas passadas, onde o seu pai e o seu avô lhes narravam tempos de fome quando uma grande seca grassou a região. Ao replicar as histórias narradas por seu bisavô ao pai, provavelmente se referindo a grande seca de 1877-78, Pedro nos conta:

Dizia meu pai que o avô dele dizia que ia um cidadão a cavalo em uma burra viajando. Aí já tavam com uma moça pegada em uma casa. E os outros (filhos e irmãos da moça



na mesma casa) estavam esmorecidos, que não levantavam mais e não tinham outro refrigerio. Já tavam preparando para matar a moça, aí a moça tava chorando. Aí lá vinha o cara com uma burrona (animal de carga). Aí o homem da burra disse: ave maria seu menino, isso é gente morta? O pai dos meninos disse: tão morrendo, mas é de fome! Aí o viajante disse: e por que é que essa moça tá chorando? Aí o pai disse: ela tá chorando com medo de morrer, porque nós vamos matar ela para nós comer. Aí o viajante disse: não vai acontecer isso não! O viajante desceu da burra e tirou a sela e deu a o homem a burra para eles matarem. E a menina pediu ao viajante para seguir viagem com ele com medo da carne da burra acabar e eles querer comer ela de novo.

Os casos de canibalismo realmente existiram no Ceará durante a seca de 1877. A história narrada por Pedro reflete o temor da fome que ele carregava consigo durante toda a sua vida como agricultor. Homem testado na labuta diária, Pedro Tenório era um dos 9 filhos de uma família humilde e começou a trabalhar na agricultura de subsistência com apenas 07 anos de idade. Casou com dona Dudu no dia 03 de setembro de 1955, com apenas 23 anos, e assim recebeu o primeiro pedaço de terra do seu pai.

A responsabilidade batera na sua porta e se revelaria cruel três anos depois quando chegava o ano de 1958. A memória evocada sobre a seca que ocorreu neste ano principia ancoragem na fome e no casamento, quando ele se percebe depender de si mesmo para a segurança alimentar de sua família, sendo que a responsabilidade aumentaria sobremaneira pelo fato de ser também durante esta seca que sua primeira filha nasce. Assim narra Pedro Tenório: “Eu entrei no ano de 58 foi naquela seca danada. A minha casinha passou três anos sem ter família. Aí quando foi em 58 foi a seca. Aí a primeira filha minha foi na seca.”

Os elementos de ancoragem presentes no momento de rememoração da seca de 1958 são os programas emergenciais, as obras nas quais trabalhou e possibilitou sobreviver junto de sua família. A seca de 1958 se consagra em sua memória e se mostra viva em uma teia de acontecimentos particularizados nas lembranças, onde o narrador encontra uma simbologia específica daquele período. É neste momento em que Pedro se encontra no próprio discurso. A fome, aquela “peste feroz” temerosa que bateu em sua porta por diversas vezes, finalmente adentrou sem permissão na sua casa no ano de 1958, quando era chefe de uma família há pouco formada.

As memórias de Pedro se envolvem em uma teia de acontecimentos cronológicos: primeiro rememora a fome, a perda de alimentos ocasionadas pela falta de água; depois



considera a desesperança, a falta de opções e o desânimo. Finalmente sua memória se converte em felicidade, quando passa a narrar os programas emergenciais e o que a seca lhes possibilitou adquirir.

O discurso de Pedro sobre o ano de 1958 se ancora em elementos inerentes à seca. Mas não na intempérie, na perda de plantação, de animais, do calor escaldante, da água barrenta buscada nas cacimbas para consumo humano. Contraditoriamente, o discurso sobre ao ano de 1958 tem o DNOCS e os programas emergenciais como ponto de partida para a consecução de memórias de fartura. Orgulhosamente Pedro diz: “em 58 foi a seca, mas eu entrei na negença, eu era cassaco e a mulher era barraqueira.” Pedro era então o homem do trabalho pesado, cortador de madeira e cavador de buracos, bem como planador de terreno e carregador de tijolos. Um cassaco era, como diz o ditado popular, ‘pau para toda obra’.

Se a memória é construída pelo narrador através de signos externos e internos ao ato mnemônico, estes objetos, ou melhor, lugares de memória, são depositórios e ao mesmo tempo promotores de representações que contribuem e/ou redescobrem as informações escondidas involuntariamente pelo próprio processo mental. Estes lugares de memória são apreendidos na narrativa de Pedro quando o mesmo fala das próprias obras durante a emergência. Um açude, uma estrada, uma igreja, funcionam como evocadores de um passado adormecido.

E este passado adormecido parece vir à luz quando a atenção é direcionada à própria obra, ao cotidiano de sua vida enquanto cassaco nos programas emergenciais. É lá, neste ambiente geográfico específico onde ocorreu a obra de um açude na região, que surgem as memórias:

Lá tinha o fornecimento de carne, chinela, de prato, de colher. Eles te davam um valezinho e você comprava o que quisesse. Você não via dinheiro não. Era o DNOCS. Nós só comia carne de boi, feijão de arrancar. Dudu fumava cigarro manso. Eu não passei fome em 58. Eu passei foi bem. O governo botou o DNOCS para escapar o pessoal em 58.

A condição social e econômica na qual Pedro e sua família se encontravam naquele momento antes e durante a seca de 1958 é escamoteada quando ele inicia seus trabalhos nos programas do governo. Aqui a memória do sofrimento, como dissemos, cede lugar às reminiscências de alegria e felicidade materializadas nos objetos dos quais ele só veio a ter



acesso em tempos de seca. Eis a contradição: Pedro interpreta a situação de maneira complexa, pois, afinal, para ele foi necessário haver uma seca com grandes proporções para que ele e sua família viesse a ter acesso “às coisas de rico.” É nesta construção mental que se observa um certo desejo e até mesmo uma saudade da seca como um fenômeno capaz de trazer benefícios outros não possíveis em tempos normais de inverno. Com o passar dos anos a seca, então, novamente bateu na porta de Pedro e sua família.

2.2: A seca de 1970

O ano de 1970 foi acompanhado de uma seca também de grandes proporções. Os açudes construídos nas propriedades dos grandes latifundiários durante a seca de 1958 pareceram não suprir as necessidades dos agricultores locais em relação à água. Plantações perdidas, animais morrendo por falta de alimentos e água para beber.

As memórias de Pedro transmitem uma ideia de conforto e esperança nos primeiros meses de seca, pois acreditava que “o governo ia fazer igual 58.” Este ‘igual 58’ construído por Pedro quebra um padrão de percepção historicamente construído por ele mesmo: a seca de 1958 transformou o modo de Pedro ver as coisas, possibilitando enxergar o mundo a partir de outras perspectivas, visões de mundo particularizadas. Há, portanto, uma representação mnemônica de um Pedro Tenório temeroso da seca antes de 1958, da fome que ceifava vidas, que arrasava terras e matava a todos; e um Pedro Tenório que agora conhecia o poder dos homens de acabar com o sofrimento do povo, aquele tal de ‘DNOS’ que possibilitava mão de obra de em troca de mantimento e outras coisas consideradas de “rico”.

Esta quebra de percepção, como dissemos, fez Pedro um homem saudoso dos tempos de seca. Ora, em 1960 as chuvas voltaram a cair e tudo voltou a ‘normalidade.’ Normalidade significava trabalhar pesado e não ter acesso às coisas nas quais ele teve na seca de 1958. Tudo o que ele quisesse adquirir em forma de objetos e vestimentas deveria ser comprado com a venda dos alimentos excedentes colhidos no inverno. Objetos estes considerados caros, e, portanto, difíceis de serem adquiridos. É a partir destas questões que a memória individual de Pedro constrói um imaginário específico (PESAVENTO, 2004) que personifica a seca como sendo uma das melhores já vivenciadas por ele.



A seca de 1970 chegou e, com ela, a fome, os saques e a decepção. Conforme Sousa (2016, p.50):

Em 1970, Humberto Macário de Brito, prefeito municipal da cidade do Crato, providenciou um “completo relatório sobre a seca no Crato e na Região, “e entregou pessoalmente ao comandante da décima região militar em Fortaleza para que medidas urgentes fossem tomadas, sendo que “solicitaram providências em favor dos flagelados que esperam ser atendidos.

Os jornais da época, em especial o A Ação que veiculou no Crato a partir dos anos de 1966 publicava as cartas enviadas pelos políticos cearenses, especialmente os do Crato e Cariri, às autoridades de Fortaleza e de Brasília. As referidas cartas buscavam denunciar o drama da população interiorana do Estado que sofria com a falta de chuvas e também com abandono do Estado em relação aos flagelados. O A Ação denunciava em suas páginas que Brasília parecia não reconhecer a seca em sua gravidade. O mesmo jornal publicou matéria que demonstra perplexidade, pois o deputado federal Ossian Araripe pontuou a descrença da capital em relação ao flagelo. Em matéria do dia 15 de maio de 1970 encontramos a seguinte redação:

Quarta-feira passada, o deputado Ossian de Alencar Araripe, nosso representante da Câmara Federal, atendendo a um convite da Câmara Municipal, fez importante pronunciamento sobre a real situação da grave crise agrícola que se abate sobre o Cariri. Informou, inicialmente, que as mais contraditórias notícias sobre a situação chegaram a Brasília. Algumas afirmaram que a estiagem não era tão grave, quanto outros contrariavam informando que o Estado do Ceará sofria graves consequências de uma seca. Em face das informações apenas alguns dos municípios foram enquadrados na faixa de emergência e em estado de calamidade pública, com frentes de trabalho em órgãos do governo.

Ao que parece, às informações desconstruídas somam-se à ineficiência dos governos estadual e federal no combate às secas, ocasionando, como dissemos, revolta e mais sofrimento ao povo flagelado. No caso específico de Pedro a situação se complicava, uma vez que ele já contava com uma família de 06 filhos, totalizando 08 pessoas que viviam exclusivamente da agricultura.



Na narrativa sobre a seca de 1970 observamos literalmente as subjetividades materializadas nas sensibilidades ali construídas. Entendemos por sensibilidades aquilo que Pesavento (2004) denomina de elucubrações mentais elaboradas a partir dos sentidos de cada indivíduo, a partir das sensações intrínsecas ao indivíduo, ou seja, do seu íntimo, dotado de emoções diversificadas sobre determinado objeto interior. Desta forma, é com emoção que Pedro descreve a situação vivenciada:

Eu perdi tudo. Plantei quatro tarefas de roça. Quando o milho tava laborando aqui assim dando no joelho... o milho era os troncos, eram bem grossos, a folha preta que nem carvão. Veio uma lagarta que não comeu só a folha não. Entrou no chão de cabeça abaixo. Foi parar na raiz.

Quando perguntado se houve programas emergenciais durante a seca de 1970 Pedro fala sobre a situação dele, da família e de alguns conhecidos:

A “negença de 70?.” Não! Foi em 58 que eu trabalhei. Aqui onde eu tava não teve não. Aqui não teve e Zeca Barbosa e meu irmão pediam esmola. Não teve emergência não. Zeca Barbosa e meu irmão Francisco pediram esmola porque não tinha outro meio. Eu tinha um restinho de coisa e comecei a vender. Vendi mesa, vendi cadeira. Aí eu vendi tudo ao compadre Tonheiro e ao finado Joaquim.

A seca no Cariri obrigou Pedro a se desfazer dos objetos pessoais em busca de novas condições de vida fora do Estado do Ceará. Seu destino era uma terra distante, longe de suas raízes, longe de sua família. O Piauí aparecia como sendo uma via de escape para o trabalho nos programas emergenciais. Pedro narra as ações realizadas e os trabalhos no Piauí como sendo necessárias e efetivas naquele momento de seca, onde o mesmo afirmara que trabalhou na “roça, fazendo cerca em 60 mangas de terras”.

Longe de sua terra e dos demais familiares, Pedro demonstra sensibilidades diversas sobre aquele contexto: a “triste partida” de Pedro encontra reflexo na poesia de Patativa do Assaré, em um misto de angústia pelo momento que ora teve de enfrentar junto da família, em



um triste reflexo do poema de Patativa.³⁴ Enquanto demonstra reverência pela venda dos muitos objetos conquistados durante a seca de 1958/59 para novamente fugir da fome, Pedro recorda o episódio vivido por ele e seus familiares durante a seca de 1970.

As sensibilidades se coadunam às palavras, no vai e vem da oralidade, reconstruindo o sofrimento e a falta de opções naquele contexto. Não havia alimentos, não havia trabalhos no interior do Ceará. A única opção encontrada por Pedro era tão somente enfrentar a ‘triste partida’, esta viagem de sobrevivência. Pedro discorre com emoção o dia em que teve que desfazer dos bens materiais e viajar com toda a família para uma terra desconhecida em busca de sobrevivência:

Muitos pediram esmola. Num tinha ganho. Compadre Tonheiro fez foi chorar no dia que eu vendi as cadeiras a ele. Ele disse: “compadre Pedro, se eu tivesse condição você não saía, mas eu tô fracassado (também).” Mas ele derramou lágrima. Aí eu me arranquei, mas quem ficou sofre bastante. Pediram esmola. Era mulher, menino, tudo (pedindo esmola).

3. CONCLUSÃO

As memórias de Pedro sobre a seca de 1970 evocam as mais diversas sensibilidades materializadas na tristeza em relação aos programas emergenciais que não existiram o suficiente no Ceará tal como ocorreu em 1958. Por isso as memórias sobre as secas de 1958 e 1970 surgem em suas lembranças como uma espécie de comparação em três momentos distintos, cada uma como elemento de ancoragem e representações específicas: antes da seca de 1958, o intervalo entre a seca de 1958 e a seca de 1970, e finalmente a seca de 1970 e todas as suas intempéries.

Antes da seca de 1958 Pedro parecia idealizar o sofrimento em suas diferentes formas: a fome, a morte, o canibalismo. Suas memórias estavam ancoradas especificamente na morte causada pela estiagem. Ele ouvia do seu pai e avô histórias sobre os momentos mais dolorosos por eles enfrentados e sabia que a qualquer momento poderia se deparar com tal situação. Em sua consciência, enquanto agricultor e religioso, ele acredita esperar por este momento (flagelo da seca) com uma certa ansiedade e medo.

³⁴ Nos chama especial atenção este trecho do Cordel de Patativa do Assaré: “agora pensando ele segue outra trilha, chamando a família começa a dizer: - eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo, nos vamo a São Paulo viver ou morrer.”



Ele deixa transparecer em suas memórias o quão a seca maltrata o pequeno agricultor dependente, e sua ancoragem mnemônica encontra-se intrinsecamente ligada ao medo de morrer de fome. As “histórias que ouvia falar” era da fome e da morte. Um “monstro” que estava preso e poderia ser solto a qualquer momento.

Durante a seca de 1958 Pedro pôde construir representações diferenciadas, com conotações ditas positivas e dotadas de sensibilidades que causavam uma certa saudade, escamoteando os efeitos catastróficos climáticos naturais em tempos de seca. A memória de Pedro seleciona o tempo dos trabalhos na emergência como fatores de importância, ancorados nos objetos materiais conquistados e ainda na qualidade de vida melhorada durante esta estiagem.

Desta forma, quando Pedro observa uma mesa de mármore existe no centro e sua cozinha ele rememora o fato de que foi em uma grande seca (1958) e pelo trabalho na emergência que possibilitou adquirir seu primeiro móvel e todas as suas cadeiras. Que dirá poder “fumar o cigarro manso” de dona Dudu? Enquanto ele mesmo emite a fumaça do seu preferido cigarro de palha, Pedro recorda que sua esposa fumou o “cigarro de rico”.

Uma contradição construída mnemonicamente com mestria e sensibilidade pelas lembranças de outrora, tergiversadas, então, quando chega o ano de 1970. Isso porque a seca de 1970, por vezes até “desejada”, subverteu a memória de Pedro: “a seca de 58 foi a melhor” 1970 seria igual a 1958? Pedro desejava poder trabalhar novamente nos programas emergenciais. Mas as coisas não aconteceram como deveria, ou melhor, como Pedro desejava. Sua memória surge como resistência contra o tempo, e se torna imortal quando evocada, quando rememorada e historicizada pelo historiador.

O sofrimento e a dor estavam batendo pela primeira vez em sua porta e naquele contexto ela seria consideravelmente mais forte, uma vez que a família teria aumentado e não havia mais programas emergenciais proporcionados pelo governo. A memória de Pedro, então, teve a fome e a “triste partida” para o Piauí como sendo elementos de ancoragem. Desta forma, a fome e o trajeto da viagem para outro Estado estão interligados ao ano de 1970, junto com a dura experiência de vida que teve fora de sua terra natal. Mas este outro aspecto, as memórias construídas sobre a trajetória de vida fora de sua terra, será tema para um outro estudo.



REFERÊNCIAS

- BRUM, Argemiro J. O desenvolvimento econômico Brasileiro. 30 ed. Petrópolis: Vozes.
- BURKE, Peter. O que é História Cultural? Tradução de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil / Lisboa: Difel, 1990.
- PESAVENTO, S. J. . História e História Cultural. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.
- PESAVENTO, S. J. . História, memória e centralidade urbana. Nuevo Mundo- Mundos Nuevos, v. 7, p. 15, 2007.
- PESAVENTO, S. J. . Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História , v. 27, p. 7-23, 2007.
- PORTELLI, Alessandro. Ensaios de História Oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010. PORTELLI, Alessandro. O que Faz a História Oral Diferente. Projeto História, v.1, no 14, p.25-39. São Paulo,1997.
- POLLAK. Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- RICOEUR, A representação historiadora. In: A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- SOUSA, Bartolomeu Humberto de. Memórias Flageladas: a construção da seca na região do Cariri cearense (1958 – 1970). 2016. 112 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
-